

Extensão e educomunicação ambiental no rádio e na escola: o caso do Biosom

Extensión y educomunicación ambiental en la radio y en la escuela: el caso de Biosom

Extension and environmental educommunication on the radio and in schools: the case of Biosom

Kemyllin Dutra; João Pedro Sousa Santos; Maicon Elias Kroth

Resumo

Este artigo apresenta um relato de realizações de um projeto de extensão desenvolvido por acadêmicos de Jornalismo da UFSM. Desde 2022, o programa de rádio Biosom promove a conscientização e construção de saberes sobre cidadania ambiental. O programa vai ao ar às sextas-feiras, às 13h, na UniFm 107.9, emissora pertencente ao Núcleo de Rádios Universitárias da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Junto ao programa, outras ações serão implementadas ao longo de 2025, como o BioEduca, série de oficinas que levará atividades de conscientização e educação midiática, com foco no combate à desinformação ambiental, junto às escolas públicas de Santa Maria e região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS. Espera-se, por meio do projeto, potencializar a formação de profissionais do jornalismo na abordagem de questões ambientais, além de contribuir para a construção de conscientização ambiental mais ativa junto às comunidades escolares.

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 30/06/2025 aceito em: 10/08/2025.

>> Como citar este texto:

DUTRA, Kemyllin; SANTOS, João Pedro Sousa; KROTH, Maicon Elias. Extensão e educomunicação ambiental no rádio e na escola: o caso do Biosom. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 06-33, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Kemyllin Dutra

kemyllindutra@gmail.com

Orcid não informado

Mestranda em Comunicação e Graduada em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria.

João Pedro Sousa Santos

joao-

pedro.sousa@acad.ufsm.br

Orcid não informado

Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista FAPERGS. Graduado em Jornalismo pela UFSM e em Letras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).

Maicon Elias Kroth

maiconeliask@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-5250-2065>

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Pós-doutor em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior, Portugal (com financiamento CAPES). Professor da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

Palavras-chave: Extensão; Educomunicação Ambiental; Jornalismo; Rádio; Escolas.

Abstract

This article presents a report on the achievements of an extension project developed by journalism students at UFSM. Since 2022, the Biosom radio programme has been promoting awareness and knowledge building on environmental citizenship. The programme airs on Fridays at 1 p.m. on UniFm 107.9, a station belonging to the University Radio Centre of the Federal University of Santa Maria (UFSM). Along with the programme, other actions will be implemented throughout 2025, such as BioEduca, a series of workshops that will bring awareness and media education activities, with a focus on combating environmental misinformation, to public schools in Santa Maria and the Quarta Colônia de Imigração Italiana region of Rio Grande do Sul. The project is expected to enhance the training of journalism professionals in addressing environmental issues, as well as contribute to building more active environmental awareness among school communities.

Keywords: Extension; Environmental Educommunication; Journalism; Radio; Schools.

Resumen

Este artículo presenta un informe sobre los logros de un proyecto de extensión desarrollado por académicos de Periodismo de la UFSM. Desde 2022, el programa de radio Biosom promueve la concienciación y la construcción de conocimientos sobre ciudadanía ambiental. El programa se transmite los viernes a las 13:00 horas en UniFm 107.9, emisora perteneciente al Núcleo de Radios Universitarias de la Universidad Federal de Santa María (UFSM). Junto con el programa, se implementarán otras acciones a lo largo de 2025, como BioEduca, una serie de talleres que llevarán a cabo actividades de concientización y educación mediática, con enfoque en la lucha contra la desinformación ambiental, en las escuelas públicas de Santa María y la región de la Cuarta Colonia de Inmigración Italiana de RS. Se espera que, a través del proyecto, se potencie la formación de profesionales del periodismo en el abordaje de cuestiones medioambientales, además de contribuir a la construcción de una conciencia medioambiental más activa en las comunidades escolares.

Palabras clave: Extensión; Educomunicación Ambiental; Periodismo; Radio; Escuelas.

Introdução

A partir da política de comunicação da UFSM, já inserida no conceito de convergência dos meios (Jenkins, 2008), que diz respeito à democratização nas formas de produção e consumo de conteúdos, a proposição de desenvolver práticas e processos comunicacionais por meio da produção e emissão de um programa de rádio e de um conjunto de atividades sistematizadas por meio da abordagem da educomunicação ambiental, se constitui como instrumento estratégico para gerar mais impacto e transformação por meio do estabelecimento de uma relação mais próxima entre a Universidade e outros setores da sociedade.

Neste sentido, a proposta do projeto de extensão *Educomunicação no rádio e nas escolas: uma proposta de construção de cidadania ativa* se fundamenta na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um princípio essencial que orienta as atividades acadêmicas da instituição. Essa abordagem integra estudantes de graduação e de escolas públicas (parceiras), não apenas para adquirirem conhecimento teórico em sala de aula, mas também para aplicar em contextos práticos, promovendo uma formação mais completa e significativa a respeito da cidadania ambiental, por meio de uma abordagem educomunicativa.

No âmbito do projeto de extensão, existem três frentes de trabalho, mas que se interseccionam. Primeiro, trata-se da produção de um programa de rádio, que já ocorre desde 2022. Fundamentados nas teorias do radiojornalismo, os estudantes atuam em colaboração em diversas frentes de trabalho, desde a apuração de pautas, roteirização do conteúdo levado ao ar e publicação de conteúdos em rede social. A iniciativa dá a oportunidade de dialogarem com professores e especialistas, enriquecendo suas experiências e ampliando suas perspectivas de abordagens jornalísticas sobre questões socioambientais. Essa interação fortalece a formação dos estudantes, como futuros profissionais. O *Biosom*¹ é gravado todas as semanas e vai ao ar nas sextas-feiras, às 13h, na

¹<https://open.spotify.com/show/0W1u1YXHLMAGpP5TjCljE>

programação da Rádio UniFm 107.9

A segunda atividade prevista é o desenvolvimento de oficinas de educação midiática e ambiental na Escola Estadual de Ensino Médio Prof. Naura Teixeira Pinheiro, no Bairro São José, em Santa Maria - RS. O educandário aceitou a realização de uma parceria que envolverá os acadêmicos de Jornalismo participantes do projeto de extensão e estudantes das turmas de 1º e 2º anos do Ensino Médio.

A primeira oficina, voltada para o combate à desinformação ambiental, ocorreu em maio deste ano. Outras oficinas como de produção de conteúdos sonoros - formato de podcast - e de criação de horta e compostagem estão previstas para ocorrerem até o final de 2026. Junto com as demais atividades, desenvolve-se um grupo de estudos sobre educomunicação. O grupo, operacionalizado a partir de um Grupo de Pesquisa chamado Conecta, em parceria com outros professores do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, debate textos teóricos a respeito da temática central do projeto, juntamente com acadêmicos interessados em pesquisar e planejar práticas de produção de conteúdos educomunicativos.

Neste sentido, é sobre o desenvolvimento deste projeto de extensão, por meio de um relato de experiência, em suas frentes de trabalho, que este artigo trata. O texto, na sequência, apresenta um conjunto de concepções teóricas às quais balizam a construção do projeto de extensão, impactando diretamente na produção do programa radiofônico e no planejamento das oficinas de educação midiática que ocorrerão ao longo dos próximos dois anos junto à escola parceira.

Primeiro, comprehende-se o que é extensão universitária e como a abordagem educomunicativa, matriz conceitual desta iniciativa, funciona como eixo definidor das práticas e processos que integram o projeto. Na sequência, amplia-se a discussão para o uso do radiojornalismo como ferramenta para a promoção do jornalismo ambiental e de práticas de cidadania junto a comunidades escolares. Em seguida, um relato descritivo da rotina produtiva do Biosom. Também há um relato breve a respeito do planejamento das oficinas de

promoção da educação midiática.

Por fim, nas considerações finais, brevemente, lançam-se inferências a respeito dos primeiros indícios a respeito dos efeitos do projeto, destacando o potencial de formação acadêmica dos estudantes da UFSM e o comprometimento com as demandas da sociedade ao abordar temas relevantes e urgentes, promovendo a cidadania ambiental e a popularização da ciência.

A Educomunicação como abordagem na extensão universitária

A extensão universitária ocupa papel estratégico no contexto do Ensino Superior brasileiro. O Ministério da Educação, em 2018, homologou a Resolução Nº 7, que estabeleceu as Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior do país (público, privado e comunitário), alterando a definição de Extensão para a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se

em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018, p.1).

Sistematizada por meio de programas, projetos, cursos de extensão, eventos, prestações de serviço e elaboração e difusão de publicações e outros produtos acadêmicos, a extensão universitária passa por um processo de reorganização, no qual se insere a importância da implementação de um sistema de informação de base nacional e um sistema de formas de aplicação e avaliação contínua. Neste sentido, a extensão universitária se desenvolve no ambiente universitário.

A UFSM, por sua vez, mais recentemente, aprovou a Política de Extensão da instituição, por meio da Resolução Número 006/2019, na qual constam as disposições preliminares, as diretrizes e objetivos, os eixos e linhas, a caracterização e classificação das ações, entre outras informações capazes de balizar e estabelecer orientações técnicas para a regulamentação, registro e

avaliação das ações de extensão desenvolvidas nas diversas instâncias da universidade.

Partindo-se das premissas da Política de Extensão Universitária da UFSM, compreendeu-se que havia a possibilidade de potencializar, por meio do planejamento e execução de um projeto de extensão, as estratégias de construção da formação dos estudantes universitários, em especial no âmbito do curso de Jornalismo. No âmbito da extensão universitária, o fortalecimento da comunicação se torna relevante, considerando o impacto transformador das ações extensionistas na formação dos estudantes e na interação com os diferentes setores sociais. A comunicação, ao adotar uma abordagem colaborativa, envolvendo não apenas a comunidade acadêmica, mas também o público externo à universidade, pode ampliar o alcance das informações baseadas em evidências e estimular debates construtivos (Tôzo, 2022).

A integração entre ensino, pesquisa e extensão é um princípio fundamental que deve ser refletido nas práticas de comunicação. A promoção de um diálogo contínuo entre esses três pilares é essencial para que a extensão universitária cumpra seu papel social, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes (Forproex, 2012). Assim, a comunicação não deve ser vista apenas como uma ferramenta de divulgação, mas como um processo que envolve a construção de narrativas que conectem a Universidade às demandas sociais, promovendo engajamento da comunidade com as ações de extensão.

Assim, alinhado à área temática da Comunicação, definiu-se implementar o projeto que ganhou o título: *Educomunicação Ambiental no rádio e nas escolas: uma proposta de construção de cidadania ativa*. A iniciativa tem o seguinte objetivo: por meio da diversidade de metodologias ativas, característica da abordagem educomunicativa, promover a conscientização e a educação ambiental a partir da produção e emissão de um programa radiofônico e, também, o desenvolvimento do protagonismo de jovens em ações educomunicativas ambientais junto às escolas públicas de Santa Maria e região da 4ª Colônia Italiana - RS.

Neste sentido, entende-se que a concepção teórica fundamental para sustentar o projeto de extensão sobre o qual se está relatando é a de Educomunicação. Marciel Aparecido Consani, em seu livro "Educomunicação: o que é e como fazer" (2024), define a educomunicação como uma abordagem educacional centrada nas relações comunicativas, na gestão democrática e no protagonismo dos alunos. Essa perspectiva integra tecnologia, mídias e educação, promovendo um ambiente que vai além do ensino curricular, enfatizando o diálogo e a interação. Neste sentido, Quadros, Fernandes, Martins (2017, p.117) reforçam a ideia de que, "a interação dialógica destaca o relacionamento entre a universidade e a sociedade, com base no diálogo e na troca de saberes. A comunidade participa de todo o processo do projeto, desde o planejamento até a avaliação das ações contínuas".

Consani destaca que a combinação de educação e comunicação torna o processo educacional mais inclusivo, integral e equitativo, beneficiando toda a comunidade escolar. A aproximação entre aluno e escola e os meios de comunicação foi se cristalizando ao longo dos anos e o estudante passou a ser produtor de conteúdos, e não somente um sujeito passivo, de modo que este aluno foi, aos poucos, desenvolvendo a capacidade de decisão do que é importante para ele e a comunidade em que está inserido, constituindo-se num sujeito crítico, em busca de "consenso colaborativo e coletivo em relação aos objetivos e metas que quer alcançar (Consani, 2024, p.16).

Aos poucos, pesquisadores da área foram percebendo que a educomunicação deve ser construída por meio de práticas que integrem a comunicação como ferramenta pedagógica e educativa, criando espaços de troca e reflexão entre todos os membros da comunidade escolar (alunos, professores, gestores, famílias). As atividades ligadas ao uso de recursos da comunicação no ensino-aprendizagem, bem como o contato com múltiplas plataformas midiáticas (Fernández, 2017), seu uso e manejo, a partir da adoção da abordagem da Educomunicação, neste sentido, se constitui numa estratégia que vem sendo uma alternativa de captura e atração dos estudantes para

atividades em ambientes formais e não-formais de ensino, uma vez que estes se vêem estimulados a produzir conteúdos os quais são midiatizados (Gomes, 2006) pelos corredores, salas de aula e até mesmo fora dos educandários, através de múltiplas plataformas midiáticas.

Neste sentido, de forma mais atual, o Ministério da Educação (MEC), percebendo as mudanças sociais que acontecem a partir dos usos das tecnologias da comunicação (TICs), fez um novo documento atrelado aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino médio, o novo Ensino Médio, no qual aponta a relevância da aquisição de “competências básicas”, as quais não se referem apenas no ensino enciclopédico, mas sim o desenvolvimento da capacidade de aprender com o aperfeiçoamento do uso das linguagens midiáticas como meios de constituição do conhecimento e da formação de atitudes e valores.

Tais metas pode ser alcançadas a partir da implementação de uma série de práticas e processos, dentre as quais destaca o uso de ferramentas tecnológicas cada dia mais comuns no ambiente escolar ou universitário, como os aparelhos de telefone celular, à medida que os docentes buscam adaptar suas práticas de ensino às práticas sociais dos estudantes, já que estes, por sua vez, demonstram ter acesso e habilidades de manuseio de dispositivos tecnológicos e, também, interesse em produzir conteúdos e disponibilizá-los em ambientes midiáticos, como o rádio e redes sociais digitais.

Programas musicais, de cunho jornalístico, de entretenimento e com informações de interesse dos alunos e da comunidade podem ser produzidos, disponibilizados para acesso irrestrito, nos dispositivos midiáticos virtuais. Esta dinâmica produtiva, nas condições em que se apresenta, sugere a compreensão das práticas sociais que se desenvolvem em níveis diferentes de escolaridade.

As mídias, nessa lógica de pensamento, se misturam com todos os aspectos significativos do funcionamento social, instituindo relações complexas por sua natureza, com pode-se observar, nesta situação, quando as tecnologias e lógicas de produção midiática são inseridas na ambência acadêmica e escolar.

Para Maria Aparecida Baccega,

Sabemos que a tecnologia está na escola. Não exatamente na forma de aparelhos sofisticados (ainda são tão poucas as que os possuem, disponíveis para todos), mas sim na cultura dos alunos que nela estão. Eles são resultado desse mundo pleno de tecnologias, dessa nova cultura, independentemente do nível socioeconômico a que pertencem. Por isso, no campo da educação, o desafio maior tem sido a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sociocultural. Nessa reconfiguração e redimensionamento da escola, um dos eixos é ensinar o aluno a trabalhar a informação, dando-lhe condições de incorporá-la a partir do conjunto de idéias, valores e objetivos da cultura, tornando-a conhecimento e utilizando-a para colaborar na solução dos problemas de sua realidade (2005, p.10).

Nestas condições, aportado como fundamento teórico aplicado no desenvolvimento de um projeto de extensão aqui proposto, a educomunicação, à luz de sua abordagem, auxilia como um eixo conceitual na concepção de uma espécie de ecossistema educomunicativo. Na integração de conhecimentos a respeito de tecnologias, mídias, linguagens comunicacionais e vivências dos sujeitos envolvidos, o projeto de extensão fomenta uma abordagem integrada entre os estudantes de graduação e de escolas públicas. Esse processo ocorre tanto na construção do programa radiofônico e dos conteúdos para redes sociais como nas práticas de educação midiática propostas por meio de oficinas na escola parceira, promovendo uma formação mais completa e significativa a respeito da cidadania ambiental.

No âmbito institucional, tanto na universidade quanto na escola, os sujeitos se beneficiam dessa abordagem, que sobrepõe o papel do educando, o chamado “protagonismo discente” (Consani, 2024), estruturando valores capazes de qualificar a sua realidade e das comunidades em que vivem. A concepção reforça o pensamento freiriano de que “quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra” (Freire, 1985, p. 95).

A abordagem da educomunicação, nesse sentido, busca a ligação entre as instâncias de educação e sociedade de uma maneira diferente, de modo que os sujeitos envolvidos se identifiquem com questões do seu mundo, neste caso, sobre questões socioambientais contemporâneas. No caso dos acadêmicos

envolvidos no projeto de extensão e da comunidade escolar parceira, tal identificação se torna ainda mais viável por meio do desenvolvimento de atividades atreladas à pesquisa e também ao ensino de práticas jornalísticas.

Nestas condições, os ideias de desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes e engajados da educomunicação se interligam com uma abordagem socioambiental no jornalismo. Assim, é possível avançar no debate a respeito da conscientização e da mudança de atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente, como pode-se entender, a seguir.

A abordagem jornalística da temática socioambiental

A temática ambiental começou a ser pensada no século XIX pelas elites europeias. Inspirada pelas disputas de poder no período pós-guerra e em um momento de avanço da industrialização, essa classe avaliava a necessidade de se repensar os impactos ambientais. De acordo com Marques (2022), essa discussão, que, à época, se limitava à elaboração de um plano político-institucional, se consolidou apenas no fim do século XX, marcada por influências do ambientalismo institucional norte-americano e pela internacionalização de discursos ecológicos.

Conforme Vasconcelos (2014), reivindicações ambientais alcançavam outros núcleos sociais, além do acadêmico e elitista, já na metade do século XX. Naquele momento, criava-se um sistema de contracultura que criticava a sociedade capitalista e seus modos de produção e consumo. Dessa forma, Castells (2010) define o ambientalismo como um movimento com identidade, adversário e metas que surgiu por volta dos anos 1960 e foi impulsionado pela difusão globalizada de informações, principalmente nos Estados Unidos e na Europa Ocidental.

Essa globalização informacional levou à cobertura midiática que, com altos e baixos nas décadas seguintes à de 1960, passou a abordar questões ambientais, tendo como foco específico as mudanças climáticas nos anos 2000 (Hansen, 2019, apud Holanda, 2022). Segundo Hansen (1993), a mídia tem o

poder de promover a conscientização real de seu público sobre questões ambientais, desde que não mascare os reais problemas e que tenha uma base consolidada para fazê-lo.

Com o crescente debate sobre o ambientalismo por volta da década de 70, o jornalismo passa a ser um notável agente na disseminação de informações, preocupações e ações relacionadas às questões ambientais, embora ainda não em uma área especializada. São os eventos do vazamento de petróleo da Exxon Valdez (1989) e do desastre em Chernobyl (1986) que moldam a necessidade de uma cobertura jornalística especializada para a temática ambiental.

Especificamente no Brasil, a movimentação pró-ambientalista se fortaleceu, embora em meio à repressão, a partir da década de 1970, como resposta aos projetos desenvolvimentistas da Ditadura Militar que colocavam em risco o meio ambiente e grupos minoritários associados, como os povos indígenas (Tatagiba et al, 2018). Entretanto, conforme Arnt (1994 apud Belmonte, 2017), já na primeira metade dos anos 1990, “jornalistas que cobriam assuntos ambientais eram pessoas mal vistas” e era necessário criar estratégias mercadológicas que promovessem a pauta ambiental como algo atrativamente lucrativo.

Petrarca (2008) aponta que a temática ambiental ganha espaço na mídia à medida que cresce entre os setores público, administrativo e jurídico, até ser substituída por outro assunto que chame mais atenção. Essa seletividade de pautas consideradas merecedoras de atenção pode ser um obstáculo para a democratização e a facilitação do acesso à informação para comunidades periféricas.

Do mesmo modo, a escolha da linguagem na veiculação de informações pode simbolizar tanto o ampliamento de alcance quanto uma barreira de acesso. Uma comunicação falha pode fortificar o surgimento de interpretações erradas e a criação de falsas notícias, como acontece com a pauta do aquecimento global.

Especialmente em notícias relacionadas a catástrofes ambientais, a

maneira de comunicar um fato ao público pode ser decisiva para sua recepção e seu entendimento. Para Loose e Moraes (2018), na busca pela linguagem ideal para se veicular notícias sobre catástrofes ambientais, “os termos técnicos, as incertezas e os cenários de probabilidades, com centenas de indicadores e números, são barreiras que podem e devem ser superadas com estudo e prática” (2018, p. 111).

Ao mesmo tempo em que, a depender de sua veiculação, um fato anunciado pode gerar a sensação de medo na população (Pont Sorribes, 2013), tratar um fatídico episódio socioambiental como um cenário de guerra pode gerar a sensação de conformismo e normalização de tragédias (Valencio, 2014, apud Valencio, 2017). Valencio (2010) argumenta que tratar algo evitável como uma fatalidade pode silenciar a pressão popular e tirar de foco as responsabilidades do Estado para com seu povo.

Nesse sentido, para Ângelo (2019, p. 2), o jornalismo “deve se colocar não só no sentido de ‘dar a conhecer’, mas, antes, como um convite a um espaço crítico de reflexão que atua para fortalecer a cidadania e a participação social”. Assim, as fontes não só consomem notícias, mas também as pautam e produzem, construindo o saber jornalístico de modo conjunto (Schmitz, 2011).

O radiojornalismo como promotor de debates socioambientais

Nos anos 1990, na fase classificada por Ferraretto (2007) como pós-industrial, o advento da internet causou uma transformação nas dinâmicas sociais e comunicacionais já conhecidas. O rádio foi um dos veículos que adaptou seu cenário, não só no que diz respeito à produção, mas também ao espaço que seu público ganha na construção de pautas.

De acordo com Lemos (2007), nesse contexto, o rádio se reinventa em um modelo pós-massivo, com caráter descentralizado e que permite maior interação do público. Ainda assim, o autor entende que as mídias massivas, ou seja, aquelas que operam com fluxo centralizado, possuem “papel social e político na formação do público e da opinião pública na modernidade” (Lemos, 2007, p. 124).

Seguindo as proposições de Molotch e Lester (1993), a transformação de um acontecimento em notícia conta com a participação de news promoters, news assemblers e news consumers. A primeira classificação se refere a fontes que fornecem e moldam as informações aos jornalistas, que são os assemblers, ou seja, responsáveis por as filtrar e as veicular até que cheguem ao alcance dos consumers, o público receptor.

Para Belmonte (2017), o jornalismo constrói, de modo compartilhado, a realidade, o que torna a comunicação uma forma de interação, não apenas de recepção. Segundo o autor:

Assumir essa perspectiva interacionista tem consequências. A principal delas, do ponto de vista do jornalismo ambiental como profissionalismo engajado, é reconhecer que não basta divulgar um texto transversal, bem elaborado, com diversidade de fontes. Esse texto, ou informação, só vai gerar ação se o seu sentido for construído em parceria com outros setores da sociedade (Belmonte, 2017, p. 120).

Essa interação, para Lima, além de ser um diálogo, “desperta a consciência da audiência para o problema ou tema proposto” (Lima, 1970, p.30). Para Meditsch (1997, apud Schwaab, 2007), o rádio possui a capacidade de colocar o ouvinte como alguém que vive o que está sendo narrado. Faria (2010, pág. 12) entende que as mensagens veiculadas pelo rádio “ganham alto poder de abrangência, dado o baixo custo de transmissão e a capacidade de transportar barreiras geográficas e sociais”.

Conforme a Kantar Ibope Media, empresa que lidera o mercado de pesquisa na América Latina, o rádio é o principal meio de áudio no Brasil, alcançando 79% da população e contando com a confiança plena de 58% dos ouvintes. Desse modo, o rádio se torna uma ferramenta efetiva no incentivo da participação pública em debates variados.

Biosom: o braço da educomunicação estendido para além do arco da UFSM

O ano de 2024 foi confirmado pelo relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM) como o mais quente já registrado e bateu alguns recordes em

indicadores de mudanças climáticas. A temperatura média global da superfície foi de cerca de 1,55 °C acima dos níveis pré-industriais e a taxa de aquecimento dos oceanos foi a mais alta dos últimos 65 anos. O documento indicou também, com base em dados de 2023, que a concentração atmosférica de dióxido de carbono, metano e óxido nitroso atingiu o nível mais alto dos últimos 800 mil anos.

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi afetado por fortes chuvas que ocasionaram o que ficou conhecido como a maior catástrofe climática da história do estado. Além da devastação material em mais de 95% dos municípios gaúchos, o número de pessoas diretamente afetadas chegou a quase um milhão e o episódio resultou em mais de 180 óbitos.

Segundo artigo publicado no ano de 2021 na revista *Lancet*, o impacto das mudanças climáticas não é homogêneo em populações e regiões com grandes disparidades econômicas e sociais. Camana (2018) aponta que, quando se trata de desordem social ocasionada por questões ambientais, certos grupos são mais afetados, como as populações tradicionais/periféricas e as mulheres.

Mesmo com tantos dados e episódios que corroboram as mudanças climáticas, o negacionismo continua sendo uma barreira no enfrentamento a elas. Nos Estados Unidos, segundo artigo da revista *Scientific Reports*, publicado em fevereiro de 2024, cerca de 15% da população não acredita em mudanças climáticas.

No Brasil, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha no final de 2024, 34% da população desconhece o que são mudanças climáticas. Nas classes D e E, 54% das pessoas se consideram desinformadas sobre a temática. Entre junho de 2024 e abril deste ano, a média de pessoas que desacreditam das mudanças climáticas como um risco subiu de 5% para 9%, enquanto o número das que enxergam risco imediato subiu apenas um ponto percentual no mesmo período.

Frente a esse panorama de descrença na ciência e nos efeitos das mudanças climáticas, o BioSom surge com a proposta de abordar a temática

socioambiental de modo específico na programação da Rádio UniFM 107.9. Criado em 2022, o projeto nasceu por iniciativa do professor Maicon Elias Kroth, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em parceria com um pequeno grupo de estudantes, todos atuando de forma voluntária. O objetivo principal era desenvolver um espaço de diálogo e informação voltado às questões ambientais, sociais e comunitárias, com linguagem acessível e abordagem crítica.

A escolha da emissora foi estratégica, considerando seu potencial de alcance na região Central do Rio Grande do Sul, que, conforme o Censo do IBGE (2022), concentra uma população de aproximadamente 779.055 habitantes. Atualmente, o *Biosom* funciona como projeto de extensão e conta com uma equipe de 14 estudantes voluntários(as), que se dedicam à produção, pesquisa e edição de conteúdos veiculados semanalmente. Na sequência, vai-se descrever a rotina de trabalho do Biosom como projeto de extensão.

A veiculação do BioSom na UniFM 107.9, emissora pública da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), se justifica tanto pelo público-alvo compartilhado quanto por sua proposta didática, inclusiva e acessível. A rádio universitária tem como objetivo notável a socialização e oportunização na área radiofônica para estudantes, disponibilizando materiais essenciais para a prática, como microfones, mesas de som, estúdios equipados e suporte técnico profissional.

A UniFM está diretamente envolvida na execução de disciplinas relacionadas ao radiojornalismo no curso de Jornalismo, bem como em projetos de prática e extensão. Um dos motivos adicionais para a escolha dessa emissora para a exibição do programa é a possibilidade de captar um público mais voltado à área da pesquisa acadêmica, no contexto interno da UFSM, e também àqueles interessados em práticas cotidianas, dentro e fora do alcance da frequência da rádio.

Inserir a pauta socioambiental em um espaço já consolidado junto à comunidade acadêmica e local é uma estratégia eficaz para difundir conhecimento sobre o tema e apresentar alternativas sustentáveis que possam

ser adotadas de forma simples pelos ouvintes. O BioSom conta com uma rotina bastante dinâmica, na qual cada estudante assume uma função específica para cada programa.

O programa se organiza da seguinte forma: inicialmente, é realizada uma reunião de pauta para definir o tema do próximo episódio. Nesse encontro, são atribuídas as funções que cada membro desempenha ao longo da semana, além de um momento de feedback sobre o último programa, com o objetivo de identificar possíveis falhas. Entre essas funções estão: apresentação, reportagem, edição, produção, redes sociais e assistência de produção.

Foto 1: Logo do Biosom



Fonte: Biosom, 2025

Após a definição das funções, tem início o processo de pesquisa e o contato com fontes apropriadas à temática escolhida. As pautas, assim como as fontes, são propostas pelos participantes e passam por um processo de afunilamento. A produção do roteiro, construída do geral para o local, é conduzida pelos âncoras e o assistente de produção com base na linha editorial do programa, que valoriza dados confiáveis e atualizados.

Todo programa conta com um levantamento prévio que busca dar visibilidade a projetos de extensão e de pesquisa que abordam questões socioambientais na universidade e demais entidades. Após a pesquisa, a equipe

entra em contato com a fonte, geralmente o responsável pelo projeto de interesse que será abordado pelo Biosom, para fazer perguntas iniciais, verificar disponibilidade de horários e marcar a data para a entrevista. Esse primeiro contato também contribui para a elaboração do roteiro.

Foto 2: Roteiro Biosom

BioSom
28/04/2025
Muvuca de Sementes: um caminho coletivo contra as mudanças climáticas

VINHETA DE ABERTURA
TRILHA

Loc 1: Olá, ouvinte!

DANI: Olá. Você está sintonizado na UniFM 107.9, acompanhando o BioSom, programa desenvolvido por acadêmicos do curso de jornalismo.

Loc 1: O BioSom traz temas relacionados a pautas sociais e ambientais. A edição de hoje será apresentada por mim, Francine Castro e pela minha colega Danielle Gabriel.

Loc 2: No episódio de hoje, vamos conhecer uma iniciativa inspiradora que nasceu em meio à recuperação das tragédias climáticas no Rio Grande do Sul.

Loc 1: Além disso, temos um quadro novo, chamado "Hora da Checagem". Vamos explicar. Você já deve ter ouvido essa expressão, o fact-checking, ou checagem de fatos. É um método jornalístico utilizado para verificar se uma informação foi obtida de forma confiável, para confirmar se o fato é verdadeiro ou falso. Todo conteúdo jornalístico precisa passar por uma checagem, para não publicar desinformações. Assim, o objetivo do Biosom é apresentar, para você, uma análise da veracidade da informação.

Fonte: Biosom, 2025

Após a pesquisa, levantamentos de dados sobre o assunto e já com o roteiro pronto e a confirmação da fonte, a equipe faz contato com a rádio UniFM para agendar o dia de gravação, reservar o estúdio e garantir a presença de um técnico de áudio. Além do técnico, o assistente de produção, definido durante a reunião de pauta, tem um papel fundamental: ajuda na elaboração do roteiro, mantém contato direto com a fonte, recepciona o convidado na rádio e o

acompanha até o estúdio.

Durante a gravação, o assistente também ajuda a controlar o tempo do programa, monitora o tempo de fala dos entrevistados e faz eventuais atualizações ou ajustes necessários. Após o término do programa, registra o momento com fotos para as redes sociais e conduz o entrevistado até a saída da rádio.

O programa é apresentado por dois âncoras, que têm a função de estudar o tema e a fonte, construir as perguntas para o roteiro e conduzir a entrevista. Durante a apresentação, os âncoras exercem a função de mediação, e garantem que a conversa seja fluida, mas ao mesmo tempo, busca extrair informações relevantes para os ouvintes sobre o conteúdo discutido. Finalizada a gravação, o programa passa pelo processo de edição, que é feito pelo editor previamente designado na reunião.

O editor é responsável por eliminar ruídos, adicionar as trilhas e fazer os cortes necessários, além de enviar o programa finalizado para a rádio, indicando as datas e horários de exibição e reprise. O programa é gravado duas vezes por mês, com uma exibição inédita e uma reprise. A dinâmica do programa aproxima-se das rotinas produtivas do rádio comercial, proporcionando aos alunos uma experiência prática alinhada com o mercado de trabalho.

Nas redes sociais, Instagram, o responsável anuncia a temática a ser discutida, os apresentadores, o dia e o horário de exibição. Após o programa ir ao ar, são postadas fotos dos entrevistados com os apresentadores (registradas pelo assistente de produção), além de conteúdos extras relacionados à pauta, como interações, perguntas, curiosidades e indicações de materiais semelhantes ao abordado no episódio.

Além do Instagram, o programa também é disponibilizado no Spotify, onde o responsável pela plataforma faz o upload do episódio já editado, elabora um breve resumo sobre o conteúdo e compartilha o link no Instagram. A equipe monitora os horários de postagem e engajamento no Instagram e Spotify, ajustando as publicações de acordo com os algoritmos e o comportamento do

público.

Foto 3: Biosom no Instagram



Fonte: Biosom, 2025

O planejamento prevê que os episódios sejam gravados com até duas semanas de antecedência, considerando a disponibilidade da rádio. O programa vai ao ar semanalmente, às sextas-feiras, das 13h às 14h da tarde, buscando atingir professores, servidores e estudantes da UFSM. O BioSom aborda uma ampla variedade de temas socioambientais e conta com fontes diversas, desde especialistas até pessoas diretamente afetadas por problemáticas frequentemente ignoradas pelo poder público ou sociedade.

Foto 4: Acadêmicos no Programa Biosom



Fonte: Biosom, 2025

Para além de discussões pontuais sobre mudanças climáticas, o programa se dedica a analisar impactos relacionados às pautas tratadas, sempre buscando oferecer informações relevantes e possíveis soluções práticas. Junto a isso, como já referido no início do artigo, o projeto de extensão também desenvolve, neste ano e no próximo, o Bioeduca, série de oficinas de capacitação realizada junto a uma escola parceira.

Dessa maneira, todos os participantes do BioSom têm a experiência de atuar em cada uma das diversas etapas que compõem a produção, a apresentação e a divulgação do programa. O desenvolvimento do BioSom, assim como o do Bioeduca, integra o princípio da educomunicação por meio da construção do conhecimento baseado em participação ativa e protagonismo estudantil, promovendo interação entre comunidade acadêmica, escolar e geral. Ademais, o projeto é uma oportunidade para que os estudantes coloquem em prática as teorias e discussões presentes nas aulas dos cursos de Comunicação Social.

O aluno no centro: formação de consciência cidadã no ensino médio e na universidade

Na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Naura Teixeira Pinheiro, no Bairro São José, em Santa Maria - RS, a primeira oficina do projeto ocorreu em 26 de maio de 2025. A tarefa foi reunir duas turmas do primeiro ano do ensino médio para uma oficina de conscientização e orientação sobre como identificar a desinformação. Num acordo com a direção da escola, 56 alunos e duas professoras estavam presentes numa sala ampla.

A oficina foi organizada por uma equipe de 7 estudantes de Jornalismo da UFSM. Após a apresentação de um conteúdo sobre conceitos como infodemia e desinformação, o grupo pode entender o cenário contemporâneo e, diante dele, a necessidade de pensar sobre como é possível, com pequenas tarefas do dia a dia, combater a desinformação.

A equipe do Biosom, após amplo debate a respeito, promoveu uma atividade prática, em que os jovens do ensino médio puderam participar de um bate-papo sobre o que é o Bioeduca. No projetor de imagens, foram ampliados slides os quais guiaram a apresentação e o diálogo a respeito de temas como o que é o projeto de extensão que, a partir de agora, se insere na escola.

O grupo explicou os conceitos de educomunicação midiática e ambiental, infodemia e desinformação, por meio de exemplos. O papel dos meios de comunicação jornalísticos e dos jornalistas também foi abordado. Por fim, a equipe orientou como todos podem identificar se um conteúdo é verdadeiro ou falso e como os estudantes podem levar este conhecimento para disseminar entre seus familiares e amigos.

Foto 5: Estudantes das turmas de 1º ano da escola



Fonte: Biosom, 2025

Na opinião da estudante do primeiro ano do ensino médio, Maria², de 15 anos, a oficina oportunizou a ela e à turma mais informações sobre os cuidados que se deve tomar ao acessar a internet. “Achei muito interessante. E já sabia um pouco, pois fiz alguns trabalhos sobre, mas adoraria se pudessem voltar. A fala de vocês serviu para saber mais como nos alertarmos sobre fake news. As dicas de como se proteger foram relevantes” (2025).

Foto 6: Equipe do Biosom na escola parceira

² Nome fictício.



Fonte: Biosom, 2025

Já o estudante João³, de 17 anos, falou que considerou a conversa interessante. Acrescentou que:

acho que a maioria sabia como identificar uma fake news por terem crescido em contato com a internet e sabem reconhecer sensacionalismos que são extremamente fora da realidade. Acho que a parte mais importante foram as falas em relação às fake news sobre saúde, vacinas e o SUS. Gostaria de saber mais sobre, porque com a facilidade do compartilhamento de informação, também acaba facilitando que pessoas mal intencionadas compartilhem coisas fora de contexto, exageradas ou completamente falsas, causando histeria social, dividindo grupos que deveriam ser unidos e isso acaba afetando todo mundo de forma extremamente negativa (Severo, 2025).

Novas oficinas junto à escola parceira estão previstas para setembro e outubro de 2025 e outras quatro para 2026. O combate à desinformação voltará a ser tema de mais um encontro. Ainda haverá oficinas de desenvolvimento de hortas e compostagem, uma vez que a escola demonstrou interesse em criar um espaço de produção de alimentos, e, ainda, oficinas de produção de conteúdos sonoros, com o objetivo de serem utilizados como material pedagógico as diversas disciplinas ofertadas pela escola.

No âmbito da UFSM, o projeto de extensão também desenvolveu o primeiro encontro do grupo de estudos sobre Educomunicação. Integrantes do Biosom e

³ Nome fictício.

de outros grupos de estudos se uniram para discutir textos (artigos, teses, dissertações sobre o tema). Aos poucos, na medida em que os diálogos avançarem, o objetivo é identificar possíveis objetos de pesquisa, para que o grupo possa se envolver no desenvolvimento da investigação científica e escrita de textos capazes de socializar, em eventos da área, o conhecimento adquirido, permitindo que outros grupos se beneficiem do mesmo e participem das discussões promovidas pela iniciativa. O grupo de estudos conta com três docentes do Departamento de Ciências da Comunicação e se reúne uma vez por mês.

Já em virtude da Semana Mundial do Meio Ambiente, o Biosom promoveu, no dia 3 de junho de 2025, um bate-papo com a jornalista do Portal O Eco⁴, mestranda em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável e former-fellow da Universidade de Cambridge, Cristiane Przibiszczki. Ela falou sobre Comunicação Climática por meio de sala virtual para acadêmicos e docentes do curso de Jornalismo da UFSM. Formada pela Universidade Estadual de Londrina/UEL (2006) e com 19 anos de experiência na cobertura de temas como conservação, biodiversidade, política ambiental e mudanças climáticas, Cristiane foi vencedora do Earth Journalism Awards (2009) em três categorias internacionais e do Prêmio Embrapa de Reportagem (2014).

Considerações finais

Do ponto de vista acadêmico, o BioSom proporciona aos estudantes do curso de Jornalismo a oportunidade de experimentar na prática as rotinas de uma produção radiofônica. Os alunos se aprofundam no jornalismo radiofônico, lidando com pesquisa, contato com fontes, elaboração de roteiros, edição de áudio, mediação com os entrevistados, gerenciamento de redes sociais e produção de reportagens.

Essa vivência contribui para o desenvolvimento de habilidades técnicas do

⁴ <https://oeco.org.br/>

fazer comunicacional e, também, para o engajamento com o jornalismo ambiental. Em todo o processo de execução das atividades propostas, há a aquisição de experiência por parte dos atuantes do projeto em diversas áreas da comunicação e a prática da educomunicação como um meio para o fortalecimento do diálogo sobre a ciência e sua compreensão na comunidade.

Nesse contexto, os estudantes tornam o radiojornalismo um espaço de diálogo e interação, e não uma transmissão unilateral de informações. Mais do que um projeto de extensão, o BioSom representa uma oportunidade de trabalho em equipe e aproxima os estudantes da realidade de uma rádio comercial, uma vez que as funções que são desempenhadas pelos acadêmicos, os desafiam a estarem atentos às práticas do jornalismo radiofônico.

O projeto conecta variadas temáticas sociais à esfera ambiental a fim de atualizar o ouvinte sobre as últimas notícias relacionadas e provocar reflexões sobre o panorama socioambiental mundial. A partir disso, o programa promove conscientização e educação, tanto para os acadêmicos que o produzem quanto para os ouvintes.

O BioSom traz consigo a missão de fortalecer e popularizar a ciência, além de oferecer oportunidade prática aos estudantes e contribuir com a formação prática de futuros profissionais da comunicação, especialmente daqueles que se interessam pelo jornalismo ambiental. Desse modo, evidencia-se a prática da educomunicação, já que o Biosom articula diálogo, ensino e participação ampla e ativa, permitindo que os integrantes do projeto assumam protagonismo na produção de conteúdos e na construção coletiva de saberes ambientais em interação com a comunidade.

Referências

- ÂNGELO, F. F. **O jornalismo ambiental e os campos discursivos da Amazônia: o caso da extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42º, 2019, Belém. Anais [...]. Belém: Intercom, 2019. p. 1-15.
Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0602-1.pdf>
BACCEGA, M. A.

Comunicação, educação e tecnologia: interação. *Comunicação & Educação*, 10 (1), 2005. 7-14. Disponível em:<<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v10i1p7-14>> Acesso em: 04/04/2025

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro.** Revista Brasileira de História da Mídia, v. 6, n. 2, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta, v. 12, p. 2014-2024. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia-/asset_publisher/Kjrw0TzC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 25/05 2025.

CAMANA, A. **Jornalismo Ambiental: teoria e prática.** 2018.

CASTELLS, M. **La galaxia Internet.** Madrid: Plaza & Janés, 2001.

CONSANI, M. **Educomunicação:** o que é e como fazer. São Paulo: Contexto, 2024.

DE OLIVEIRA TÔZO, C. Wilson da Costa Bueno–O jornalismo científico ontem e hoje. *Revista Alterjor*, v. 26, n. 2, p. 151-157, 2022.

FARIA, Júlia do Nascimento. **Radiojornalismo e internet: a rede virtual como fonte de notícias na Rádio CBN Rio.** 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FERRARETTO, L. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21.** 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0046-1.pdf>

FERNÁNDEZ, J. L. **Plataformas mediáticas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Crujía, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, [S. I.], p. 68, 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em 21/05/2025.

GOMES, P. G.. A midiatização no processo social. In: _____. **A filosofia e a ética da comunicação na midiatização da sociedade.** São Leopoldo/RS: Unisinos, 2006.

HANSEN, A. **The mass media and environmental issues.** Leicester: Leicester University Press, 1993.

HOLANDA, J. **Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção.** 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022109pt>

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOS, A. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais.** 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrices/article/view/38180>

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília: Revista do Instituto de Ciências da Informação/ICINFORM. Vol.V, n.1, ano VI, n.13: 1970.

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Cláudia Herte de. **Mudanças do clima (e de pauta!). Jornalismo ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre, RS: Metamorfose, 2018. 175 pp 111-124, 2018.

MARQUES, L. **A história ambiental do capitalismo no mundo colonial, séc. XV ao XIX**. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2022v280108>

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do Rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. In: BOCC - Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1997b. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 30 jun. 2005

MOLOTH, H; LESTER, M. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

PAES DE VASCONCELOS, D. **O Desafio de comunicar o meio ambiente: Ecojornalismo e a Crise Hídrica de São Paulo**. 63 f. 2014. Monografia. (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

PETRARCA, Fernanda Rios. **O surgimento do “jornalismo ambiental” e as lógicas de engajamento na produção de notícias ambientais no Rio Grande do Sul**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 4., 2008, Brasília. Anais... Brasília: Anppas, 2008. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT10-540-253-20080510110629.pdf>>.

PONT SORRIBES, C. **Comunicar las emergencias: actores, protocolos y nuevas tecnologías**. Barcelona: Editorial UOC, 2013.

QUADROS, C. I., FERNANDES, J. C., & MARTINS, J. (2017). Jornalismo e cidadania: experiências de projetos de extensão universitária em educomunicação. **Revista ALCEU**, 17(35), 114–125. Disponível em: <<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v18.ed35.2017.122>> Acesso em 07/04/2025

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SUPERIOR, Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o disposto na Meta**, v. 12, p. 2014-2024. <https://www.in.gov.br/materia-/asset_publisher/Kujrw0TzC2Mb/content/id/55877808>. Acesso em: 25/05/2025.

TATAGIBA, L. SILVA, M. ABERS, R. **Movimentos sociais e políticas públicas: repensando atores e oportunidades políticas**. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/7Z3vLtvbrTykKtSfx39QSXs/?format=pdf&lang=pt>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Resolução no 006/2019, de 29 de abril de 2019. Aprova a Política de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria. . Santa Maria - RS, 2019. a. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/346/2019/10/Resolução-006-2019.pdf>>.

Acesso em: 25/05/2025.

VALENCIO, N. Desastres, Ordem Social e Planejamento em Defesa Civil: o contexto brasileiro. São Paulo, 2010.

VALENCIO, N. A ordem invisível por detrás do caos aparente: arquitetura do poder e desfiliação social no contexto de desastre. 2017.

91% dos brasileiros consomem algum conteúdo de áudio no dia a dia. Kantar IBOPE Media, 2024. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/91-dos-brasileiros-consomem-algum-conteudo-de-audio-no-dia-a-dia/>